

TREVISAN, João Silvério. *Troços & destroços*. Rio de Janeiro: Record, 1997. 160 p.

Troços & destroços, que marca o retorno de João Silvério Trevisan ao conto, tem sido interpretado, conforme algumas resenhas publicadas na imprensa, como um livro tributário de uma estética *gay*. Isso se deve, acredito, à constatação de que a maioria dos contos tem por tema o homossexualismo. São interpretações da hora – deve-se ressaltar. Contudo, uma leitura que se limite a observar esse ângulo das narrativas abdica do jogo de dualidade e máscaras instaurado pelos textos, através da tematização da sexualidade. Acima de tudo, perde de vista a onipresença do heterossexual, sem a qual o sofrimento disseminado nas narrativas pareceria esquizofrênico. Não há sequer apologia do homossexualismo, pois a valorização das personagens é sufocada pela angústia e pelo preconceito, de modo que os contos destacam-se pelo caráter de denúncia – pela revolta, palavra que se repete em diversos textos.

O primeiro conto, “Crianças”, explora uma série de situações, envolvendo a tomada de consciência da condição homossexual, que o narrador marca com a expressão “por exemplo”. Os contos seguintes podem ser lidos como uma espécie de desdobramento do primeiro e enfatizam as idéias de dor, sofrimento, incompreensão e vergonha associadas à sexualidade. Além disso, a repetição agudiza e aponta o seu contrário: uma necessidade de revolta do corpo contra as convenções e tudo mais que o aprisiona, mas que acaba, entretanto, com a fragmentação do sujeito.

Depois de “Minha Amiga Antropofília”, “Sobreviventes” e “Matias G., Filho de Si Mesmo”, o conto “Convenção das

Máscaras” aborda a questão da inevitável dualidade humana num plano metafórico. Apresentado de forma epistolar, o conto dirige-se aos “Senhores do Provável Futuro”, de modo que o presente assume automaticamente o aspecto de passado. A imagem da máscara trágica é atualizada como pura representação da qual não há como fugir – já que o futuro não se diferencia do passado:

Las te transformar em máscara física – e máscara era tudo o que escondesse um sentido imediatamente visível, desde um chapéu, um camafeu e um lenço até uma máscara propriamente dita. Serias, daí por diante, tão-somente isso: máscara” (64).

Embora apresentando o processo de transformação de todos os seres e coisas do mundo em máscaras, o texto não institui uma ruptura com o tema dos contos anteriores. Antes, redimensiona o papel icônico das personagens e lhes confere uma constituição exterior: a máscara não pode ser vista por si mesma, é preciso ser vista por um outro que lhe atribua uma imagem.

Em “Corpo Místico”, a confluência do individual e do social permite uma leitura metafórica da discriminação sexual, mas não pode ser reduzida a essa interpretação, já que o título implica uma visão sacralizada do corpo. O conto também desloca a questão sexual no âmbito privado e a leva para o público, ao propiciar a comparação entre alguns órgãos revoltados contra o corpo e os guerrilheiros combatentes contra as ditaduras latino-americanas, como se constata no trecho abaixo:

Me pergunto se não estou mais presente nessas partes rebeldes do que no restante ordenado do meu corpo. Qual parte é mais eu? Aquelas dos interrogatórios sobre torturas na Segunda Delegacia? (. . .) Com isso, nada me garante que as partes apaziguadas do meu corpo sejam mais eu pelo fato de estarem apaziguadas. O mesmo fato ocorreu com dezenas de tribos hoje praticamente dizimadas (74).

“Judite, Judite” aborda a impotência masculina diante da gravidez – situação muitas vezes correlata à criação da vida – e a severa punição recebida pelo homem por tentar se igualar à mulher. A repetição do nome feminino no título aponta a desigualdade e a exclusão do masculino, embora sugira que Judite seja a figura central do conflito. “Altar de Oferendas” traz, igualmente, uma figura feminina, Sara, única mulher entre os vários casos amorosos de um homem com Aids. Num encontro depois de vinte anos, aqui é a mulher quem se ajoelha diante da figura masculina – que se acha parecida com um altar – para reconsiderar suas escolhas. O amor, presente que recebe do antigo namorado, converte-se em culpa, quando Sara lembra que se esquecera de dar-lhe um beijo de despedida. A despedida é também o assunto de “Variações sobre um Tema de Mozart”, em que uma das personagens registra:

Só Deus sabe como vou sobreviver. Pensou ainda chorando, para sempre inconsolável, filho da desesperança e da dilacerante realidade que emerge sempre que um sonho bom – um sonho tão bom e tão raro como o amor – se acaba (143).

O último conto, “Eternamente em Chamas”, retoma a idéia de repetição, como se o tempo insistisse em retardar sua passagem, através da imagem de uma chuva que pára e recomeça. O narrador escreve: “foi quando parou de chover que pensamos na vida” (151), mas a chuva retorna e, com ela, reavivam-se pensamentos inversos – a dor e a morte. Contrasta-se a brevidade da vida e a eternidade da morte, pois as personagens de *Troços & destroços* só possuem duas alternativas: a defesa desesperada da dualidade ou a aniquilação.

Gislaine Simone Silva Martins
Doutoranda em Letras – PUCRS